

# POR UMA FILOSOFIA DO MATRIMÔNIO

José Rômulo de Magalhães Filho \*

## RESUMO

As ciências sociais não se preocuparam com a questão do matrimônio, deixando apenas para a teologia a elaboração de ritos ou normas para tal relação social. A teologia por sua vez tratou apenas de normatizar a relação homem-mulher. No entanto o tema nunca deixou de estar presente nos escritos de grandes autores, o que mostra a necessidade de reflexão constante sobre a temática do matrimônio. Não só a teologia é responsável por elaborar tal reflexão. Outras ciências são co-responsáveis: sociologia, história, psicologia, filosofia. O propósito do texto que se segue é refletir sobre o matrimônio a partir de algumas destas ciências, e propor um elo de ligação entre elas: a ética.

## Introdução

Ao perguntar: o que é isso o matrimônio? Tem-se como objetivo fazer um exercício reflexivo, meditante e coerente sobre o matrimônio. Neste início de século surgem novas formas de relacionamento homem-mulher, que coloca em xeque concepções mais ortodoxas desta relação. Surge com muita força, as relações homossexuais, muito antigas, mas que neste século ganham uma nova dimensão e simpatia popular, graças a uma propaganda que tem como objetivo propor respeito às decisões individuais, assumidas publicamente por grandes redes de televisão e jornais. Diante de desafios como este, surgem perguntas como estas: que é isso o matrimônio? Onde pode nos levar esta relação que tem sido tão desvalorizada na atualidade?

Essa reflexão atreve-se a focar o matrimônio a partir de três das ciências sociais: a teologia, a história-social e a filosofia. Não pretende-se com isso afirmar que as idéias aqui

---

\* Mestrando em Ciências da Família, pela UCSAL, e Especialista em Filosofia e Existência pela UCB  
–Universidade Católica de Brasília, e Licenciado em Filosofia pela UFBA.

apresentadas esgotam o que estas ciências têm a dizer sobre o tema proposto, mas ousa-se trazer essa discussão para o meio delas, a fim de buscar respostas as questões levantadas.

## **1. O Que é Isso o matrimônio? Um olhar pela teologia**

Pensar em matrimônio durante muito tempo ficou restrito ao ambiente eclesiástico, não diria nem teológico, mas especificamente eclesiástico. Ocupando a teologia de temas considerados mais relevantes. O matrimônio ficou restrito as questões pastorais, que eram de segunda ordem, no pensar de alguns. Petrini ao analisar como no século XX a família foi esquecida, em favorecimento a outras temáticas, inclusive pela igreja, afirma:

A atenção à família tornou-se, muitas vezes, periférica, especialmente quando circunstâncias históricas pareciam impor a ação política como prioridade, em busca das liberdades democráticas e de justiça social conculcadas. A família estava como diluída e dissolvida na categoria de movimentos sociais. [...] Essas razões contribuíram para que, durante anos, a ação pastoral da igreja privilegiasse outros setores (PETRINI, 2003, p. 58).

Entretanto com o crescimento de uma teologia social prática, que exige respostas claras para questões sociais, os temas pastorais passaram a ser retomados e reelaborados conceitos para satisfazer a exigência de uma sociedade marcada pela ausência de respostas bem fundamentadas e que venham preencher a lacuna deixada pelas outras ciências. Neste contexto o matrimônio volta a ser pensado, e juntamente com ele a família em suas mais variadas dimensões.

Por que trazer a teologia para esta reflexão? Porque é ela que melhor conceitua matrimônio, e nas suas mais variadas vertentes, possibilita uma visão ampla, o que permitirá melhor compreender como se dão as relações homem-mulher, e suas implicações sócio-políticas e econômicas.

Ângelo Scola, Arcebisbo-Patriarca de Veneza, na Itália, afirma que o vínculo matrimonial não pode ser sufocante, e que a relação matrimonial deve ser companhia para a missão e construção da vida (SCOLA, 2003, p. 200). Entenda-se este “não pode ser sufocante” como sendo uma relação onde o eu e o tu subsistem harmoniosamente, onde não

existe o casal, mas cada um é “condição necessária à verdade do outro [...] o tornar-se uma só carne não anula esta exigência de verdade de cada um” (SCOLA, 2003, p. 199). A partir deste conceito de relação matrimonial trazido por Scola, pode-se retomar o ideário teológico de matrimônio. Para o catolicismo romano o matrimônio tem caráter sacramental, tendo como base, os escritos da tradição da Igreja, e a partir desta perspectiva sacramental, se funda o conceito de família que é a “união entre um homem e uma mulher, necessariamente referida à geração dos filhos e publicamente reconhecida pelo *contrato matrimonial*. [...] a família pode ser considerada uma dimensão fundamental da sociedade” (SCOLA, 2003, p. 211). Buscando fundamentos na antropologia para justificar uma indissolubilidade do vínculo matrimonial, Scola afirma:

O matrimônio monogâmico e indissolúvel pertence ao dado antropológico original. Esta afirmação não perde seu valor diante das diversas concepções culturais e históricas do matrimônio que não se atenam a estes dois parâmetros. Com efeito, afirmando que o matrimônio monogâmico e indissolúvel é um dado antropológico original, não se esquece do caráter histórico do homem, portanto, não se perde de vista que na história o ideal não é sempre concretamente vivido. (SCOLA, 2003, p. 216).

Assim percebe-se que na teologia católica, a partir da idéia de sacramentalidade, o matrimônio é muito mais do que simples união carnal. Matrimônio é a base de construção familiar, conseqüentemente, está na estrutura da sociedade. “Por sua própria constituição ontológica, portanto, a família é paradigma imprescindível do caráter social do homem” (SCOLA, 2003, p. 214). Outro elemento desta união sacramental é a procriação de filhos, o que aponta para um afastamento da satisfação do indivíduo. O fundamental é o bem estar da sociedade, por isso a indissolubilidade e a educação dos filhos procriados nessa união.

Tendo como base os mesmos princípios cristãos, o protestantismo histórico faz uma leitura um pouco diferenciada do matrimônio. Guthrie Jr., diz que “casamento cristão é uma parceria de vida fundamentada no amor humano mútuo em fidelidade a Deus, confirmada e igualmente atestada por uma cerimônia de casamento, e mantida na dependência do perdão de Deus e graça capacitadora de Jesus Cristo” (GUTHRIE JR, 1998, p. 288). Isso implica que

matrimônio é muito mais do que um simples relacionamento de amor é uma parceria de vida total, que inclui transparência, cumplicidade, desejo erótico-sexual. Usando o conceito de parceria de vida, o protestantismo histórico vem afirmar que “Deus não efetua o casamento; duas pessoas é que o fazem” (GUTHRIE JR, p. 290), o que não exclui a presença de Deus da relação dual, pois como cristãos, suas decisões são tomadas procurando saber a vontade do Criador, e todos seus atos são consagrados a Deus, tendo como princípio a orientação do apóstolo: “fazei tudo para glória de Deus”. Esta perspectiva reformada tira o caráter de sacramento do matrimônio, João Calvino afirma:

O último sacramento que enumeram é o matrimônio. Se bem que todos admitem que tem sido instituído por Deus; porém também os officios dos trabalhadores são bons, sapateiros, bombeiros, os quais, sem embargo, não são sacramentos. Porque não somente se requer para que haja sacramento que seja obra de Deus, é necessário ainda que exista uma cerimônia externa, ordenada por Deus, para confirmação de alguma promessa. (CALVINO, 1981, p. 1165).

É por entender que o matrimônio não é meio de graça<sup>1</sup>, que a teologia protestante possibilita o divórcio, o que aponta para a não aceitação da idéia de indissolubilidade do matrimônio. “Portanto, um casal pode, algumas vezes, decidir corretamente que o divórcio não significa nenhuma dissolução do casamento, mas o reconhecimento de que ele nunca aconteceu ou de que ele não existe mais ou, ainda, de que ele não pode tornar-se um verdadeiro casamento” (GUTHRIE JR, 1998, p. 291). Para o protestantismo histórico o matrimônio está mais relacionado com o indivíduo do que com a sociedade. O que não exclui o caráter comunitário do casamento, pois “o casamento é um assunto social e comunitário, e não simplesmente particular e pessoal, e a cerimônia de casamento é o reconhecimento, aceitação e compromisso públicos desse fato” (GUTHRIE JR, 1998, p. 291). Entretanto o

---

<sup>1</sup> Que são, segundo o protestantismo, meios exteriores pelos quais, Cristo comunica os benefícios de sua mediação e que são três: Palavra, Oração e Sacramentos. E entende-se Sacramento como “uma santa ordenança instituída por Cristo em sua Igreja, para significar, selar e conferir aqueles que estão no pacto da graça” (CATECISMO MAIOR, 1991, p. 347) e “sob o Novo Testamento, Cristo instituiu em sua Igreja somente dois sacramentos: o Batismo e a Ceia do Senhor”. (idem. p. 349).

matrimônio na perspectiva do protestantismo histórico é uma “caminhada rumo a plena parceria devida” (GUTHRIE JR, p. 293).

Já o protestantismo contemporâneo, no Brasil mais conhecido pela terminologia de Igreja Evangélica, e uso o termo: evangélica, para me referir à igreja latino americana, que na sua maioria não assumiu as características reformadas em sua totalidade, criando uma teologia própria, inclusive não aceitando ser chamada de protestante; tem uma prática muito próxima do catolicismo romano, afirmando a indissolubilidade do matrimônio, dando-lhe o *status* de sacramento, sem afirmá-lo teologicamente. Pode-se dizer que o evangelicalismo brasileiro é católico romano em sua concepção de matrimônio.

Estes conceitos teológicos de matrimônio refletem diretamente na sociedade, principalmente em uma sociedade ocidental, ibérica e de fundamento cristão. Comunidades que são marcadas por uma visão protestante de matrimônio tendem a valorizar o sentimento individual, e conseqüentemente uma relação familiar baseada na liberdade de escolha, inclusive de escolha para se manter ou não uma relação matrimonial. Há maiores números de divórcios, no entanto, pela possibilidade de construção de novas relações permitidas e abençoadas pela comunidade religiosa, famílias são reconstruídas. Normalmente as segundas núpcias são mais estáveis e duradouras.

A indissolubilidade do matrimônio defendida teologicamente pela teologia católica romana e absorvida pelo evangelicalismo contemporâneo, tem levado muitos casais a viverem relações familiares turbulentas, cheias de conflitos pessoais. Muitos se afastam de sua comunidade religiosa para sentirem-se menos culpados, o que não possibilita uma criação dos filhos nos mesmos padrões sócio-religiosos. Se o protestantismo histórico, com a possibilidade do divórcio banaliza para alguns o matrimônio, o catolicismo romano, através da visão de relação indissolúvel escraviza o indivíduo, que levado por alguma ação não é feliz no seu matrimônio. O que pode atingir todo seu agir como ser social.

## 2. O que é isso o matrimônio? Um olhar histórico-social

Ao analisarmos o matrimônio na perspectiva social, vamos encontrar uma história de relações de opressão. Quando se observa a sociedade judaica pré-cristã, percebe-se que a mulher não tinha valor enquanto pessoa, em uma relação econômica a mulher valia metade de um homem<sup>2</sup>. A exaltação da mulher nos escritos judaicos têm sempre um caráter opressor. Elas deviam ser mulheres virtuosas, trabalhadeiras, prontas para cuidar da casa, das propriedades, mas sempre sujeita a autoridade do seu marido. Essa é considerada mais preciosa do que finas jóias, ao homem cabe estar entre os demais, enquanto ela exerce o papel de doméstica<sup>3</sup>. A mulher é vista por esta cultura pré-cristã, sempre como um personagem ardiloso, e que sempre depende de um homem para realizar sua missão.

Esta visão de mulher que o judaísmo deixou como legado, somado a visão grego-romana construiu o mito da esposa ideal, defendido e propagado pelo cristianismo. A mulher que cuida do marido e dos filhos, sempre alegre; que não desperdiça nada, e está sempre pronta para servir o marido quando for solicitada. O matrimônio passa a ser para esta mulher sinônimo de opressão e desilusão. É proposto, a essa mulher, uma relação matrimonial de mão única, onde ao marido cabe tomar as decisões, e a ela cuidar para executá-las. Engels, comentando sobre a origem da família monogâmica, diz:

No período heróico a mulher aparece humilhada pelo predomínio do homem e pela concorrência das escravas. Basta ler, na Odisséia, o modo pelo qual Telêmaco rechaça duramente da mãe, impondo-lhe o silêncio. Em Homero, as mocinhas prisioneiras são destinadas ao prazer do vencedor; [...] A existência da escravidão ao lado da monogamia, a presença de jovens e belas prisioneiras que pertenciam de corpo e alma ao homem que as conquistou, constituem desde as origens o caráter específico da monogamia, que *só é monogamia para a mulher* e não para o homem. Esse caráter se conserva até hoje. (ENGELS, 1984, p. 75).

É a mulher sempre colocada num plano secundário que não a possibilita opinar, construir, é uma relação de opressão. Ainda afirma Engels:

---

<sup>2</sup> Cf. com Levítico XXVII, 1-4

<sup>3</sup> Cf. com Provérbios XXXI, 10-31

Porém, nesse caso, as coisas se colocam de tal modo que a mulher, se consagrar sua própria atividade ao serviço privado da família, permanece excluída do trabalho social e não pode ganhar; e se, ao contrário, quer tomar parte na indústria pública e ganhar seu próprio dinheiro, não está em condições de poder cumprir seus deveres em família. [...] A família individual moderna se baseia na escravidão doméstica, mais ou menos aberta, da mulher, e a sociedade moderna é uma massa cujas moléculas são representadas precisamente pelas famílias individuais. (ENGELS, 1984, p.86).

Guimarães, comentando sobre a situação das crianças no processo de socialização, afirma: “Por outro lado, é bom frisar não eram só as mulheres que careciam de direitos, o mesmo se dava com relação às crianças. Estas não eram criadas no interesse delas próprias, mas para a satisfação dos pais, podendo-se afirmar que quase não eram reconhecidas como indivíduos”. (GUIMARÃES, 2002, p. 57). Observa-se assim que esta relação de opressão havia no matrimônio, tanto com a mulher como com as crianças. Esse é o modelo que foi homogêneo na cultura ocidental influenciada pelo pensamento judaico-cristão: O matrimônio é monogâmico, como diz Engels (1984) só para as mulheres; a autoridade masculina é representada na figura de *pai e marido*, o faz *chefe de família*, o que já demonstra a relação opressora de poder; mesmo que a mulher exerça atividade produtiva remunerada, “ela não tem autoridade sobre o marido, seja no plano das representações, seja no aspecto jurídico” (ROMANELLI, 2000, p. 83). Onde conclui-se que em uma perspectiva histórico-social, o matrimônio não cumpriu seu papel de agente libertador, que possibilitaria a homem e mulher uma relação igualitária e de crescimento mútuo.

### **3. O que é isso o matrimônio? Por uma filosofia do matrimônio**

Muito se tem questionado sobre a utilidade da filosofia, pois a inutilidade da filosofia hoje passa necessariamente pela visão imediatista e pragmática da humanidade. O refletir, o gastar tempo meditando, buscando as melhores respostas, preparando para fazer as melhores perguntas, não têm espaço em uma sociedade em que o tempo é um adversário a ser vencido. A atividade filosófica que é especificamente reflexiva leva as pessoas que se propõem a fazê-la, ter a capacidade de enxergar certas situações que o ser humano comum, não reflexivo, não

enxerga. O discurso da inutilidade filosófica continua a existir, pois, a filosofia ameaça as estruturas de um mundo materialista, globalizado, que isola o indivíduo, fazendo-o escravo de sua própria vida. É nesta escravidão que se encontra a inutilidade, e não no exercício filosófico.

É através das palavras que se sai em busca da verdade, este é o caminho da liberdade. Liberdade como autonomia, como ação do próprio indivíduo, como ação subjetiva. Este é o caminho de libertação, o diálogo. Mas este é um caminho, isto é, existem etapas, processos, dimensões. Para se alcançar uma liberdade, uma autonomia da sociedade, é necessário haver uma libertação dos indivíduos. As perguntas precisam ser feitas por cada indivíduo, na hora certa, e elas precisam conduzir cada um a verdade, da mesma sorte as respostas. Este é o *diálogo interior*, o feito pelo próprio indivíduo, a prática real do *conhece-te a ti mesmo*. A partir da liberdade individual passa-se então a buscar a verdade que liberta o coletivo.

É a busca de respostas através da palavra (diálogo), que leva a sociedade a conhecer a verdade – libertar-se. Este é o “diálogo exterior”, e só os filósofos (aqueles que exercitam a reflexão) podem dirigir este processo, pois eles já trilharam o caminho do diálogo interior. Ao falar em filósofos, não se pensa no profissional, formado para tal na academia. Pensa-se naquela pessoa que se admira com o novo, que acredita que o mundo pode ser melhor, naquele que reflete de forma lógica, e que procura trazer uma resposta clara para as questões que são levantadas na sociedade. No sentido tradicional da palavra, pensa-se no filósofo como o amante do saber, do saber pensar, do saber questionar, do saber admirar-se. É pensando filosofia deste modo que propõe-se uma *filosofia do matrimônio*.

O matrimônio é o meio constitutivo da família, é a partir de sua realização que a família se constrói. Usando a metáfora da colcha de crochê, que é feita por partes e entrelaçadas por pontos comuns, e que ao final do trabalho do artesão, encontra-se uma bela peça, que vai ter alguns fins: um fim estético, produzir beleza e bem-estar aos seus



observadores; um fim prático, cobrir o utensílio impedindo que a sujeira se fixe no objeto coberto; um fim econômico produzindo riqueza àqueles que a produziram. Usando esta analogia, pode-se pensar na família como esses pedaços que constituem a colcha. Sem ela a sociedade não existiria, e sua constituição vai determinar como será essa sociedade.

Muitos estudiosos observam que a estrutura familiar continua presente nas diversas culturas, em todos os períodos históricos, como forma de relação social constitutiva da espécie humana. Esta encontra no ambiente familiar, não só os elementos favoráveis à sobrevivência, mas as condições essenciais para o desenvolvimento e realização da pessoa. (PETRINI, 2003, p. 65).

Petrini fala de “desenvolvimento e realização da pessoa”, o que significa que na composição familiar, do qual o matrimônio é meio constitutivo, é necessário haver estes dois elementos: desenvolvimento e realização. A filosofia do matrimônio, antes de ser uma questão estética que tem sua base na paixão como propõe Kierkegaard (1994), é uma questão ética, pois tem como base a relação entre pessoas. A Ética propõe a busca de princípios que levem ao bem e a felicidade da humanidade: a prática da própria existência. Tomando por base a definição dos dicionários de filosofia, “a ética está mais preocupada em [...] elaborar uma reflexão sobre as razões de se desejar a justiça e a harmonia e sobre os meios de alcançá-las” (JAPIASSÚ&MARCONDES, 1996, p. 96). Sendo assim, ética é a ação consciente de cada indivíduo, livre e coerente com o seu modo de pensar e agir, que o leva a felicidade, e promove justiça e harmonia no meio em que vive o indivíduo.

Arthur Schopenhauer fundamenta sua moral na compaixão pelo outro. Este sentimento só é possível porque não há diferença entre eu e o outro. O grande achado da Ética é a identificação com a dor, com a alegria do outro. Na relação com o outro aparece a compaixão, e esta é oposta ao egoísmo.

Enquanto os professores não dedicam atenção mesmo a minha ética, persiste nas universidades o princípio moral kantiano, e entre suas várias formas, a mais popular no momento é a da “dignidade do homem”. Já expus a sua vacuidade em meu ensaio sobre o fundamento da moral [...] Se de um modo geral questionássemos em que se baseia esta pretensa dignidade do homem, a resposta em resumo seria que é sobre sua moralidade.

Por isso desejo, em oposição à forma referida do princípio moral kantiano, estabelecer a seguinte regra: com cada pessoa com tenhamos contato, não empreendamos uma valorização objetiva da mesma conforme valor e dignidade, não

consideremos portanto a maldade da sua vontade, nem a limitação do seu entendimento e a incorreção dos seus conceitos; porque o primeiro poderia facilmente ocasionar ódio, e a última, desprezo; mas observemos somente seus sofrimentos, suas necessidades, seu medo, suas dores. Assim, sempre teremos com ela parentesco, simpatia e, em lugar do ódio ou do desprezo, aquela compaixão que unicamente forma a ágape pregada pelo evangelho. Para não permitir o ódio e o desprezo contra a pessoa, a única adequada não é a busca de sua pretensa “dignidade”, mas, ao contrário, a posição de compaixão. (SCHOPENHAUER, 1998, p. 244).

É interessante notar que a fundamentação da ética schopenhaureana é antiga e ao mesmo tempo contemporânea. Encontra-se nela resquícios de um cristianismo original que diz: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia”<sup>4</sup>, e ainda “Pois em um só Espírito fomos todos nós batizados em um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos quer livres.”<sup>5</sup> Como também avalia-se sua análise do egoísmo humano que leva a miséria da humanidade, e assim pode-se compreender o momento da guerra, da destruição da ação desumana de nossos dias. Só a ação ética pautada na compaixão, no olhar do outro gerará a caridade e justiça, desenvolvimento e realização do outro. A vida se manifesta na existência coletiva, o que se chama de convivência. Não existe vida sem o outro. Diante desta perspectiva, ao se deparar com o outro torna-se responsável pela *sua construção*.

#### 4. Considerações Finais

Matrimônio é a união entre um homem e uma mulher, que em amor, diante de Deus e com ânimo de permanecerem juntos para sempre, se comprometem a fazer esta união acontecer. Isto implica em viver em busca da felicidade, e felicidade aqui é sinônimo de realização, compromisso com o outro. O que se percebe é que a definição aqui proposta para matrimônio é semelhante a definição de ética, e do conceito schopenhaureano de ética.

É necessário que homem e mulher conscientize-se que a relação matrimonial é uma relação *em e de* construção. *Em* construção, pois é convivência, o que implica em vida

---

<sup>4</sup> Evangelho de S. Mateus V, 7.

<sup>5</sup> I carta do apóstolo S. Paulo aos coríntios XII, 13.

cotidiana, onde um aprende com o outro, onde a cada dia se constrói a relação. E *de* construção porque como indivíduos o ser humano se realiza no outro, o que exige responsabilidade, respeito, desenvolvimento, realização e valorização do outro.

A ética do matrimônio é pautada no princípio teológico do ser uma só carne<sup>6</sup>. No Gênesis bíblico, quando é instituída a relação a dois, homem e mulher são criados com pelo menos três propósitos: o de estar nu diante do outro, o de deixar pai e mãe e o de serem uma só carne.

Eis questões que podem trazer muita especulação. Pode-se dizer que estar nu é de fato estar despido no sentido literal da palavra. E é correta esta interpretação. Até porque foram criados para que houvesse procriação, é preciso se mostrar para o outro enquanto macho e fêmea. Esta é a primeira lição do *estar nu*. Estar casado implica em uma vida íntima saudável, onde o respeito ao desejo do outro deve existir, onde a sensibilidade ao toque, ao olhar, ao perfume deve estar aguçada. Mas *estar nu* também pode ser interpretado no sentido de aberto completamente ao outro, sem segredos, sem desconfianças, sem mistérios. É ser transparente, é se mostrar como é.

Deixar pai e mãe, não é excluí-los da vida a dois. Mas, o significado real passa pela idéia de maturidade. Deixar pai e mãe é se tornar adulto, responsável, aprender a resolver seus problemas como casal maduro. Uma vida a dois começa a partir da maturidade de ambos. Ao se pensar em ser uma só carne, entende-se que não é a mulher parte do homem, mesmo que dele ela tenha saído, segundo a história da criação narrada em Gênesis. Mas “os dois serão uma só carne”, implica em cumplicidade, em ser literalmente uma só pessoa. É essa a idéia de uma ética do matrimônio: cumplicidade. Ser cúmplice é ser parceiro, é ser companheiro, é permitir que o outro cresça, desenvolva, se realize como pessoa, como homem, como mulher, como cidadão, profissional etc.

Ao se propor uma filosofia do matrimônio pautada na ética do outro, propõe-se uma perspectiva de matrimônio em que homem e mulher sejam felizes, e permaneçam no relacionamento conscientes de que matrimônio é muito mais do que uma ordem divina, ou um meio pelo qual a sociedade se estabelece e se desenvolve. Matrimônio é um dos meios pelos quais a humanidade pode reencontrar o caminho da justiça, da fraternidade e da verdadeira felicidade. Então as partes da colcha podem se entrelaçar para assim se construir um mundo mais digno.

## Referencias

A BÍBLIA SAGRADA. Trad.: João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2<sup>a</sup>.ed. São Paulo: SSB, 1993.

CALVINO, Juan. **Institución de la religión cristiana**. 2<sup>a</sup>. Edição. Países Baixos: FELIRE, 1981. Volume II.

ENGELS, Friedrich. A Família monogâmica. In: CANEVACCI, Massimo (org.). **Dialética da família**. Trad.: Carlos Nelson Coutinho. 3<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.71-87.

GUIMARÃES, Elias Lins. Família e a dinâmica da socialização. **Veritati**. Salvador, ano II, n. 2, p. 55 – 64, julho 2002.

GUTHRIE JR., Shirley C. Para uma teologia do casamento cristão. In: McKIM, Donald (editor). **Grandes temas da tradição reformada**. São Paulo: Pendão Real, 1998. p. 288-293.

IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL. **A confissão de fé e o catecismo maior**. 1<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: CEP, 1991.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCODES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

KIERKEGAARD, Soren. **O matrimônio**. Campinas: Editorial Psy II, 1994.

PETRINI, João Carlos. **Pós-modernidade e família: um itinerário de compreensão**. Bauru: EDUSC, 2003.

---

<sup>6</sup> Gênesis I, 18-25

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). **A família contemporânea em debate**. 3ª. Ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000. p. 73-88.

SCOLA, Ângelo. **O mistério nupcial**. Trad.: Maria de Lourdes Lima. Bauru: EDUSC, 2003.  
SHOPENHAUER, Artur. **Parerga e paralipomena**: pequenos escritos filosóficos. Trad.: Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Nova Cultural, 1998. (Os Pensadores).